

Capítulo 12 Em Síntese

Línguas da Amazônia: Dimensões da diversidade

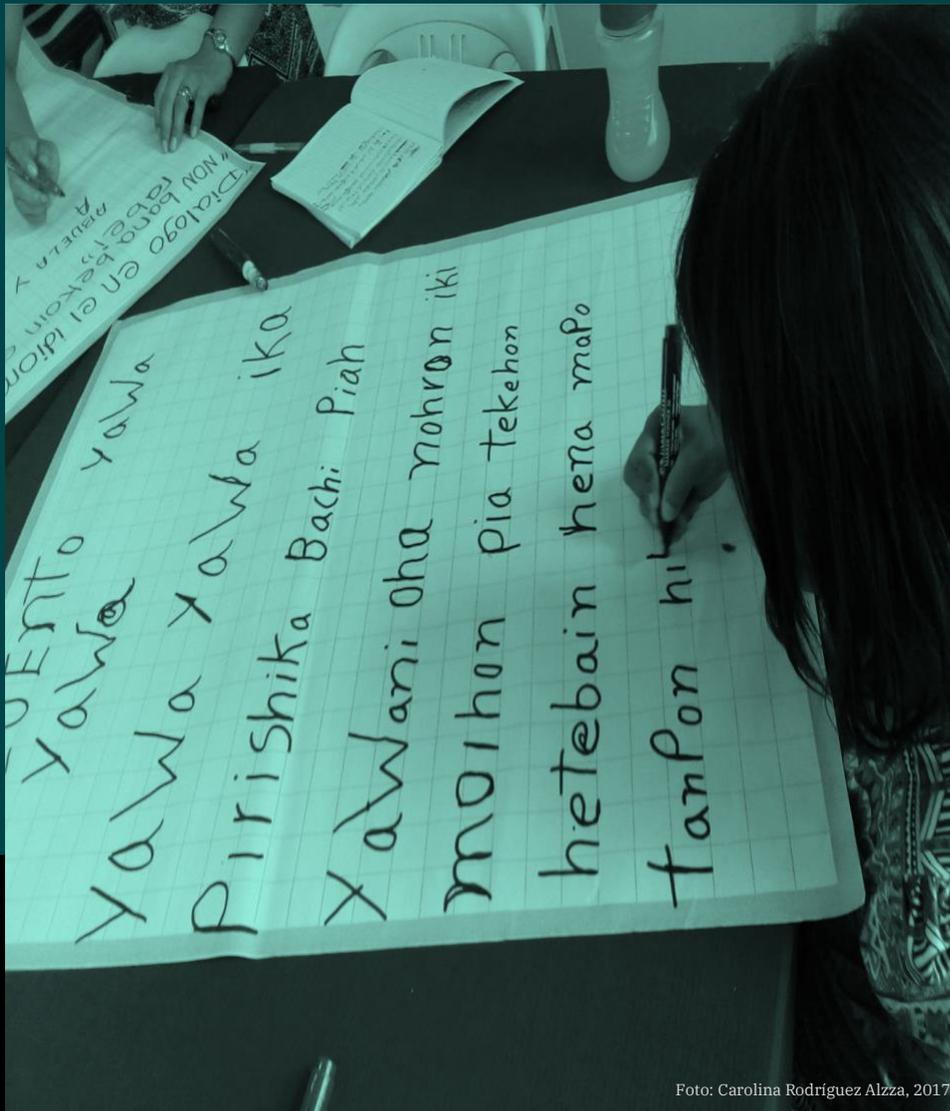


Foto: Carolina Rodríguez Alzaa, 2017



THE AMAZON WE WANT
Science Panel for the Amazon

Línguas da Amazônia: Dimensões da diversidade

Hein van der Voort^a, Carolina Rodríguez Alzza^b, Tod Dillon Swanson^c, Mily Crevels^d

Mensagens Principais

- 1) Uma das mais importantes dimensões da diversidade linguística da região amazônica é a diversidade genealógica. Em termos de famílias linguísticas e línguas isoladas, a Amazônia é uma das regiões mais ricas do mundo, e essa diversidade é, não por coincidência, um reflexo da extraordinária biodiversidade amazônica.
- 2) Cada língua representa séculos de criatividade cultural e intelectual que detêm um valor científico e cultural para a humanidade como um todo. Com a perda de cada cultura e cada língua, a humanidade perde mais uma forma alternativa e possivelmente única de compreender o mundo ao seu redor.
- 3) Todas as línguas e culturas estão permanentemente sujeitas a mudança e são capazes de se adaptar a novas circunstâncias. No entanto, desde a chegada dos europeus, a região amazônica perdeu 75% de suas línguas^{1,2}. A maioria das línguas amazônicas estão em risco de extinção, mas apenas algumas poucas foram suficientemente documentadas e estudadas. O desaparecimento da diversidade linguística na Amazônia, a desintegração das sociedades Indígenas, a extinção de espécies biológicas e a destruição dos ecossistemas amazônicos estão interligados.
- 4) Os povos Indígenas estão se aproveitando da crescente conectividade em toda a Amazônia e desenvolvendo soluções ao explorar novos domínios para o uso da língua, como as redes sociais, nas quais jovens falantes participam sem se sentirem estigmatizados e promovem a documentação e revitalização de suas línguas.

Recomendações

- 1) Censos nacionais confiáveis sobre línguas, abrangendo o número de populações e falantes,

- os níveis de proficiência e as situações sociolinguísticas, e realizados por linguistas profissionais, podem ajudar os governos a entender quais línguas existem e sua situação. Esse conhecimento é essencial para políticas públicas e campanhas de conscientização. O estudo profissional e a documentação de línguas Indígenas deveria ser apoiado pelos governos, porque os resultados desse trabalho também formam a base necessária para o desenvolvimento de um material educacional adequado e melhoram as chances de sucesso de políticas públicas em relação às línguas.
- 2) As soluções para impedir a extinção de uma língua envolvem a promoção do bilinguismo, o reconhecimento dos direitos Indígenas, a proteção de terras Indígenas e alternativas econômicas sustentáveis para o desmatamento e prospecção e extração de minérios sem controle adequado.
 - 3) As comunidades Indígenas também devem ser consultadas sobre suas prioridades com respeito às políticas de línguas e suas necessidades devem ser atendidas.
 - 4) O bi- ou multilinguismo deve ser valorizado em vez de ser considerado um obstáculo, tanto pela sociedade como um todo quanto pelas próprias comunidades Indígenas. Não deve ser preciso abandonar sua própria língua nativa a fim de aprender o idioma nacional.
 - 5) A educação Indígena deve ser melhorada e um material educacional de alta qualidade em línguas Indígenas deve ser desenvolvido.
 - 6) Os territórios Indígenas devem ser protegidos contra degradação ecológica e invasões. A presença de forasteiros só deve ocorrer com o consentimento informado de suas populações.
 - 7) Todos os aspectos da vida Indígena, incluindo línguas, culturas e religiões Indígenas, devem ser respeitados. Isso requer currículos educacionais adequados, campanhas de conscientização e a

^a Museu Paraense Emílio Goeldi, Av. Magalhães Barata 376, São Paulo 66040-170, Brazil, hvoort@museu-goeldi.br

^b Pontificia Universidad Católica del Perú, Av. Universitaria 1801, San Miguel Lima 32, Peru, carolina.rodriguez@puccp.edu.pe

^c Arizona State University, 1151 S Forest Ave, Tempe AZ 85281, United States

^d Universiteit Leiden, 2311 EZ Leiden, The Netherlands

substituição de estereótipos e mitos por informações confiáveis. Somente um público informado quanto à diversidade e suas vantagens está em condições de valorizá-la, preservá-la e defendê-la.

Resumo Este capítulo abrange a extraordinária diversidade linguística Indígena da região amazônica, incluindo suas diferentes dimensões: a existência de um número relativamente grande de línguas na região; como essas línguas se relacionam umas com as outras, representando uma impressionante diversidade genealógica; a distribuição geográfica por diferentes sub-regiões amazônicas; os efeitos do contato entre línguas que resultaram em várias áreas linguísticas; diferentes níveis de risco e as circunstâncias sociais que contribuem para isso; e, por fim, o que se perde quando uma língua desaparece.

Diversidade linguística A região amazônica apresenta alta diversidade linguística. Estima-se que mais de 300 línguas Indígenas são faladas hoje, em relação a mais de 1.000 línguas faladas na chegada dos colonizadores europeus. Ao longo dos últimos cinco séculos, doenças exógenas, violência colonial, escravidão e desapropriações reduziram as populações originais e, nesse processo, muitas línguas foram extintas. Apesar do aumento das populações Indígenas nos últimos 50 anos, a maioria das línguas continua sob risco de extinção.

O surgimento da diversidade genealógica de línguas Existem, possivelmente, 250 famílias de línguas diferentes no mundo atual, algumas das quais são muito pequenas, contendo apenas duas ou três línguas, muitas das quais são encontradas somente na América do Sul. Algumas línguas são isoladas: elas não pertencem a nenhuma família conhecida e podem ser consideradas famílias de uma única língua.

A classificação das línguas em troncos e famílias exige uma pesquisa linguística histórica comparativa e depende de dados linguísticos descritivos confiáveis e bem analisados. Especialmente na Amazônia, dados assim nem sempre estão disponíveis e, diante da situação de risco da maioria das línguas

amazônicas, os pesquisadores enfrentam uma corrida contra o tempo.

Além disso, quanto maior a diversidade dentro de um tronco linguístico em uma região específica, maior a probabilidade de que o tronco linguístico tenha se originado ali. Assim, estima-se que o tronco da língua tupi tenha se originado na região de fronteira dos estados brasileiros de Mato Grosso e Rondônia. A classificação das línguas envolve a reconstrução das mudanças sonoras e palavras, como termos para cultura material e imaterial, tecnologia de subsistência e características da natureza e da paisagem.

A diversificação e alteração da língua através do contato As línguas podem sofrer alterações através do contato com outras línguas, o que ocorre em situações de bi- ou multilinguismo, ou quando há contato entre pessoas que não falam a língua uma da outra^{3,4}. Graças ao contato, as línguas podem apresentar semelhanças específicas com outras línguas, mesmo que não sejam genealogicamente relacionadas. Um dos desafios da linguística comparada está em distinguir o sinal de contato do sinal genealógico⁵. Vestígios de contato entre línguas e conhecimento sobre a direcionalidade da influência linguística podem ser altamente relevantes para nossa compreensão das relações culturais, sociais e comerciais, presentes e passadas, entre populações.

A região amazônica contém várias áreas linguísticas, sendo a mais famosa e notável a região do Alto Rio Negro, onde as línguas tukano, aruaque, naduhup e kakua-nukak compartilham traços gramaticais que não são compartilhados com línguas genealogicamente relacionadas fora da região^{6,7}.

Variações da língua Tanto as alterações históricas da língua quanto a alteração induzida por contato são tipos de variação linguística. Na verdade, a variabilidade é uma característica importante de qualquer língua. O que geralmente chamamos de “língua” não é uma entidade claramente definível. Uma língua viva pode variar ao longo do tempo; por região, através do estrato social, de acordo com a

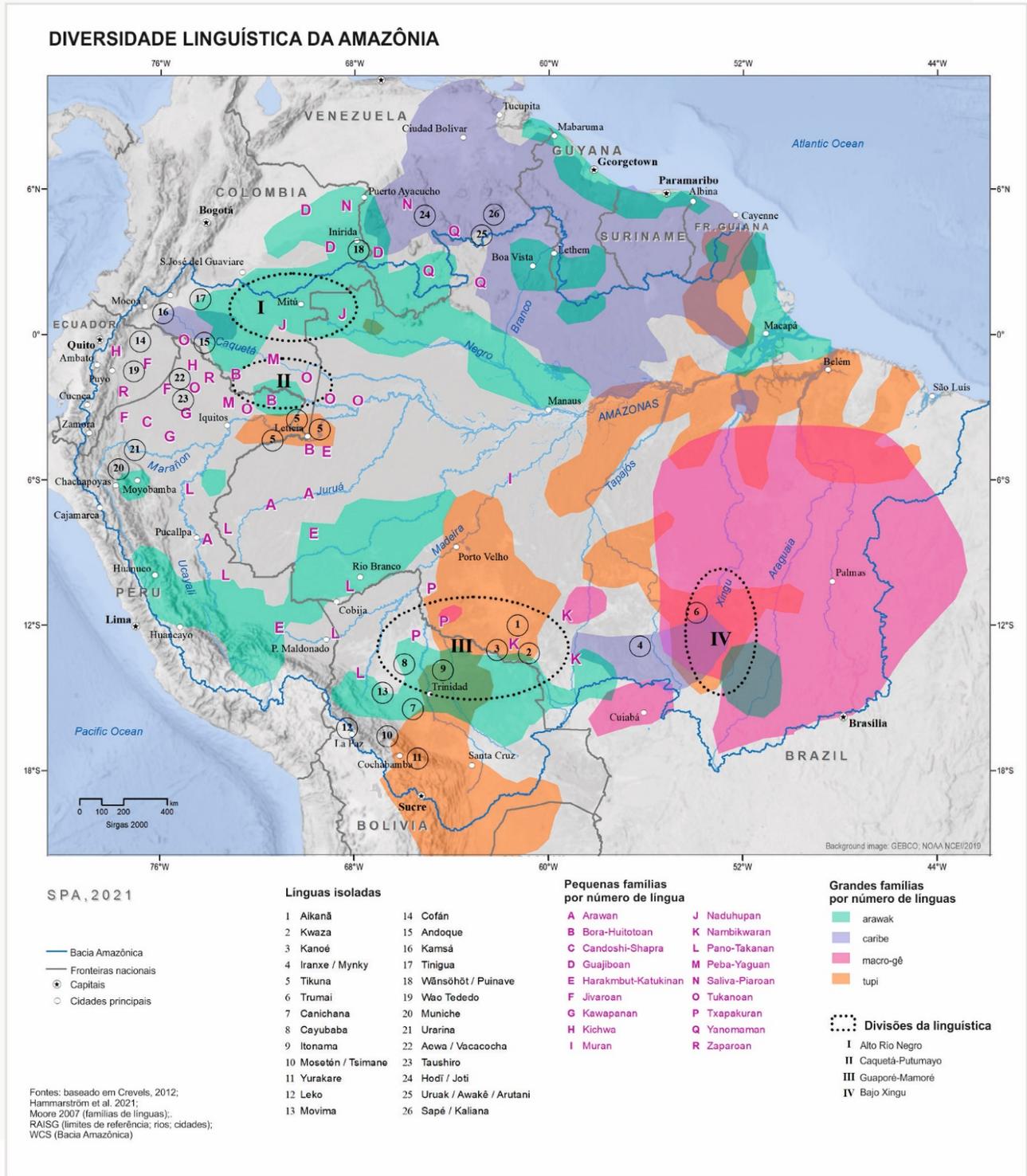


Figura 12.1 A diversidade linguística da Amazônia. Fontes: 10,11,12 13,14.

ocupação, o gênero ou a idade; por público etc. O contraste das línguas amazônicas não poderia ser maior. Temos sorte se uma língua amazônica puder se vangloriar de uma única descrição gramatical abrangente e muitas línguas amazônicas são subdocumentadas. Não obstante, as línguas amazônicas são tão ricas e variadas como qualquer outra e, felizmente, a documentação e o estudo da variação dos dialetos, estilos de fala, uso especializado da língua e arte verbal estão começando a receber mais atenção^{8,9}.

Por exemplo, a língua Hup da fronteira Brasil-Colômbia, tem três áreas de dialeto nas quais a pronúncia, o significado das palavras e a gramática podem diferir. As línguas dos grupos étnicos Zoró, Cinta Larga, Gavião e Aruá são na verdade dialetos diferentes da mesma língua. Elas são mutuamente inteligíveis, mesmo que cada grupo possa insistir que o outro grupo “fala diferente”. Várias línguas amazônicas têm variações linguísticas específicas para homens e mulheres. Em kukama-kukamiria (Peru, Colômbia e Brasil), por exemplo, homens e mulheres usam pronomes pessoais diferentes.

Vitalidade e risco da língua Muitas línguas amazônicas foram extintas durante os últimos séculos. A língua pode tornar-se obsoleta e desaparecer devido aos processos históricos graduais, ou quando as pessoas abandonam sua língua nativa, geralmente por razões econômicas ou políticas. As línguas podem ser extintas quando seus falantes morrem, por exemplo, devido a desastres naturais ou genocídio.

Ainda assim, muitas línguas hoje sobrevivem na bacia amazônica. Até 200 grupos Indígenas isolados ou contatados recentemente¹⁵⁻¹⁷ continuam falando suas línguas. Grupos Indígenas amazônicos lutam para manter suas línguas, tanto dentro como fora de seus próprios territórios. Nas cidades, por exemplo, o idioma nacional é dominante e o uso de línguas Indígenas é frequentemente estigmatizado.

Existem diferentes propostas para medir o grau de risco ou vitalidade da língua¹⁸⁻²⁵. A maioria delas criou categorias para os diferentes graus de risco,

como vitalidade, vulnerabilidade, risco grave e risco crítico²⁶.

As populações amazônicas sempre foram parte de extensos organismos sociais. A coexistência e o compartilhamento de atividades sociais, como rituais, festividades e casamentos, motivaram as pessoas a aprender mais de uma língua. Apesar das diferenças linguísticas, a comunicação é possível graças a um histórico sociocultural comum que é subjacente às tradições orais (por exemplo, heróis míticos, gêneros discursivos semelhantes). Em cerimônias de cura ou festivais, por exemplo, cada comunidade usa sua própria língua; o sucesso da comunicação está no conhecimento mútuo, ativo ou passivo, parcialmente apoiado por casamentos e alianças entre etnias.

Motivadores da mudança Embora mudanças sejam naturais, a região amazônica está perdendo diversidade linguística em uma velocidade alarmante e crescente. Para entender como os motivadores dessa mudança funcionam, convém lembrar que a vitalidade de uma língua requer uma massa crítica de falantes vivendo na mesma área, e que essa população deve confiar que sua língua tem um futuro e que será um meio produtivo para subsistência de seus filhos, bem como para seu bem-estar social.

Movimentos missionários cristãos, epidemias e uma sucessão de períodos de expansão da extração foram os principais motivadores de perdas de línguas antes de 1970. À medida que o século 20 avançou, um motivador significativo da mudança linguística foi a conectividade acelerada das regiões hidrográficas antes isoladas, como as cabeceiras dos afluentes no oeste da Amazônia, onde fica a maior concentração de famílias de línguas e línguas isoladas.

Talvez o maior motivador de perdas de línguas, porém, seja uma mudança no tipo de emprego que os jovens desejam. Como a perda de terras, o desmatamento e o menor número de animais para caça dificultaram o sustento de uma família em seus territórios Indígenas, muitos buscam trabalho fora de seus territórios, frequentemente trabalhos sazonais

em campos de petróleo, como ou na agricultura. Para empregos administrativos, exige-se educação formal e, embora os governos em toda a Amazônia tenham se comprometido a fornecer educação em línguas nativas, graves dificuldades persistem.

Exatamente o que está se perdendo? É fácil subestimar a extensão do impacto da perda de línguas porque ela ocorre não apenas no número de falantes, mas também, de forma menos visível, nas funções, domínios e maneiras em que as línguas são usadas. A perda da diversidade de línguas está interconectada com a perda mais ampla de espécies (ver Capítulo 3) nos microambientes onde as línguas são faladas. Um exemplo claro é a perda de nomes de espécies, que variam grandemente de um rio para outro e carregam uma riqueza de conhecimento. Outra importante área de perda é a língua das relações sociais. As línguas amazônicas ajudaram a manter a ordem e a coesão social por meio do uso de termos em parentesco, marcadores de evidências que reconhecem a fala dos outros, e sufixos que expressam delicadeza emocional, polidez e afeto. Por fim, o contato com outras línguas pode influenciar não apenas o vocabulário, mas também a gramática e o sistema fonético de uma língua. Consequentemente, as línguas Indígenas atuais podem perder algumas de suas características mais distintivas através da influência espanhola ou portuguesa.

A importância das línguas Indígenas em novos contextos Nos últimos anos, a Amazônia assistiu a uma onda de conectividade através das redes sociais, especialmente Facebook e WhatsApp. Outro motivador da mudança das línguas combatido pelas redes sociais é a hegemonia dos idiomas nacionais na transmissão de notícias, artes, entretenimento e esportes. Enquanto anteriormente o custo e os controles de licenciamento dos governos limitavam o acesso dos nativos às ondas aéreas, agora emissoras nativas estão prosperando nas redes sociais e evitando esses controles. Embora sejam inadequadas para a documentação e a criação de um registro duradouro, gravações e postagens no celular podem aumentar a conscientização sobre formas de discurso ameaçadas entre jovens ativistas. Por fim, a internet abre novos e importantes rumos para a

educação em línguas Indígenas nos territórios, limitando assim a migração. Embora a maioria dos motivadores de mudança associados à modernidade trabalhem para reduzir a diversidade linguística, há esperança de que outros possam combater essas forças ao fornecer novos rumos para sua preservação e revitalização.

Conclusões Este capítulo apresentou alguns dos aspectos notáveis da diversidade das línguas amazônicas, sua vitalidade e sua vulnerabilidade à perda. A maior parte da diversidade linguística amazônica está concentrada no Oeste, com menos famílias de línguas no Leste. Coincidentemente ou não, essa diferença corresponde aproximadamente às divisões geológicas entre os solos aluviais andinos da Amazônia ocidental que são muito mais jovens (com maior biodiversidade) e os solos gastos e muito mais antigos da Amazônia oriental e a menor biodiversidade. Ver o Capítulo 10 para correlações entre diversidade biológica e linguística.

A diversidade linguística da Amazônia corre grande risco de extinção. O desaparecimento acelerado das línguas pode ser atribuído a cinco séculos de colonização pelos europeus e seus descendentes, que trouxeram doenças, pobreza, violência e genocídio às populações locais. Depois da década de 1970, os efeitos da globalização contribuíram para o declínio geral da diversidade linguística.

A sobrevivência de uma língua é interdependente da integridade de sua comunidade de falantes, o que, mais uma vez, está frequentemente ligada à proteção legal e ecológica de suas terras. Com a perda de uma língua, a sensação de ser um povo distinto com direito a um território é frequentemente enfraquecida.

Para combater essas perdas, organizações Indígenas em toda a região têm pressionado seus governos para garantir os direitos e o reconhecimento formal de suas línguas e estabelecer programas de educação bilíngue. Isso resultou em um progresso substancial na obtenção de status legal e direitos à educação bilíngue. No entanto, graves desafios

persistem. Frequentemente, soluções políticas permanecem simbolicamente no papel, com grande falta de financiamentos e pessoal para proteger as línguas Indígenas.

Referências

1. Aikhenvald, A. Y. *The Languages of the Amazon*. (Oxford University Press, 2012).
2. Rodrigues, A. Dall’Igna. Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. in *Ciência Hoje* vol. 16 20–26 (1993).
3. Thomason, S. *Language contact: An introduction*. (Edinburgh University Press, 2001).
4. Winford, D. *An introduction to contact linguistics*. (Blackwell, 2003).
5. Campbell, L. *Historical linguistics: An introduction*. (Edinburgh University Press, 1998).
6. Aikhenvald, A. Y. *Language contact in Amazonia*. (Oxford University Press, 2002).
7. Epps, P. & Stenzel, K. (Eds). *Upper Rio Negro: cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia*. (Museu do Índio – FUNAI, Museu Nacional, 2013).
8. Beier, C., Michael, L. & Sherzer, J. Discourse Forms and Processes in Indigenous Lowland South America: An areal-typological perspective. *Annu. Rev. Anthropol. Anthropol.* **31**, 121–145 (2002).
9. Hildebrandt, K. A., Jany, C. & Silva, W. *Documenting variation in endangered languages*. (University of Hawai’i Press, 2017).
10. Crevels, M. Language endangerment in South America: The clock is ticking. in *The Indigenous Languages of South America* (eds. Campbell, L. & Grondona, V.) 167–234 (De Gruyter Mouton, 2012).
11. Hammarström, H., Forkel, R., Haspelmath, M. & Bank, S. Glottolog 4.4. <http://glottolog.org> (2021).
12. Moore, D. Endangered Languages of Lowland Tropical South America. in *Language Diversity Endangered* (ed. Brenzinger, M.) 29–58 (De Gruyter Mouton, 2007).
13. RAISG. Amazonian Network of Georeferenced Socio-Environmental Information. <https://www.amazoniasocioambiental.org/en/> (2020).
14. Venticinque, E. *et al.* An explicit GIS-based river basin framework for aquatic ecosystem conservation in the Amazon. *Earth Syst Sci Data* 651–661 https://knbn.ecoinformatics.org/view/doi%3A10.5063%2FF1BG2KX8#snapp_computing.6.1 (2016).
15. IACHR Inter-American Commission on Human Rights. *Pueblos Indígenas en aislamiento voluntario y contacto inicial en las Américas: Recomendaciones para el pleno respeto a sus derechos humanos. Rapporteurship on the Rights of Indigenous Peoples* (IWGIA, Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas, 2013).
16. Loebens, G. F. & Oliveira Neves, L. J. *Povos Indígenas isolados na Amazônia: A luta pela sobrevivência*. (EDUA / CIMI, 2011).
17. Ricardo, F. P. & Gongora, M. F. *Cercos e resistências: povos Indígenas isolados na Amazônia brasileira*. (Instituto Socioambiental, 2019).
18. Wurm, S. A. *Atlas of the world’s languages in danger of disappearing*. (UNESCO Publishing).
19. Krauss, M. Classification and terminology for degrees of language endangerment. in *Language Diversity Endangered* (ed. Brenzinger, M.) 1–8 (De Gruyter Mouton., 2007).
20. Brenzinger, M. Language endangerment throughout the world. in *Language diversity endangered* (ed. Brenzinger, M.) 29–58 (De Gruyter Mouton, 2007).
21. Moseley, C. Each language is a unique world of thought. Interview by Iglesias Kuntz L. *Unesco Courier* (2009).
22. Lewis, M. P. & Simons, G. F. Assessing endangerment: expanding Fishman’s GIDS. *Rev. Roum. Linguist.* **55**, 103–120 (2010).
23. Campbell, L. On how and why languages become endangered: Reply to Mufwene. *Language (Baltim)*. **93**, e224–e233 (2017).
24. Hammarström, H. *et al.* Simultaneous visualization of language endangerment and language description. *Lang. Doc. Conserv.* **12**, 359–392 (2018).
25. Lee, N. H. & Van Way, J. R. The language endangerment index. in *Cataloguing the world’s endangered languages* (eds. Campbell, L. & Belew, A.) 66–78 (Routledge, 2018).
26. Moseley, C. *Atlas of the World’s Languages in Danger*. <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas> (2010).